



































































































































# POESIA

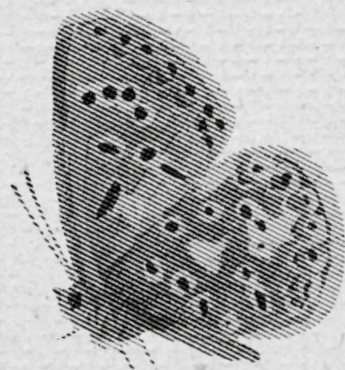
## DE LAVADA - TRÊS POEMAS DE LUIZA ROMÃO

### I. CINCO A ZERO

não é que chovia  
romperam as fontes do grande abismo  
um jogo de pólo aquático  
marcela não diz nada acostumada aos dilúvios acompanha a bola meios de lama  
é que o mundo se acaba  
mais uma vez

### II. MARCELA NÃO CHOROU

diria noé  
diria um telespectador desavisado  
diriam  
quando pompeu foi devorado pelos cocker da vizinha quando prendeu o dedo na porta do vestiário  
manteve as rédeas e os olhos secos  
quando mica terminou por telefone  
o pai saiu pra comprar cigarros daqui não sai uma lágrima tremedeira danada  
o mundo caindo  
a pupila firme  
mas no dia em que jorge v. assinou contrato com o al-ain esse dia não teve como



### III. O PROBLEMA NÃO É PERDER

há derrotas tão previsíveis  
nem merecem esse nome  
marcela lembra da revanche  
faísca contra água benta  
diferença tanta que nem por milagre  
há derrotas que enlouquecem de cara a memória do atlético pênalti inventado aos trinta nem  
contato e lá veio vermelho  
há derrotas que se lamentam outras que se negam marcela conhecia de todas ou quase  
naquela tarde  
não é que chovia  
as janelas do céu se abriram  
um dois três quatro cinco  
há derrotas que não se anunciam marcela imóvel no temporal  
o time rendido em campo  
não sei o que aconteceu  
se aconteceu não to sabendo  
soa o apito consuma-se o fato  
sem entendimento as derrotas doem mais  
marcela encharcada respira debaixo d'água



Álvaro Serrano Sierra



Luiza Romão é poeta, atriz e slammer. É autora dos livros *Sangria* (2017, selo do burro), *Também guardamos pedras aqui* (2021, Editora Nós - vencedor do Prêmio Jabuti de Melhor Livro de Poesia e Melhor Livro do Ano e Semifinalista do Prêmio Oceanos) e *Nadine* (2022, Editora Quelônio). É Mestra em Teoria Literária e Literatura Comparada (FFLCH/USP), pesquisando voz, poesia e slam. No teatro, integra a Coletiva Palabreria.

## ELISA PEREIRA

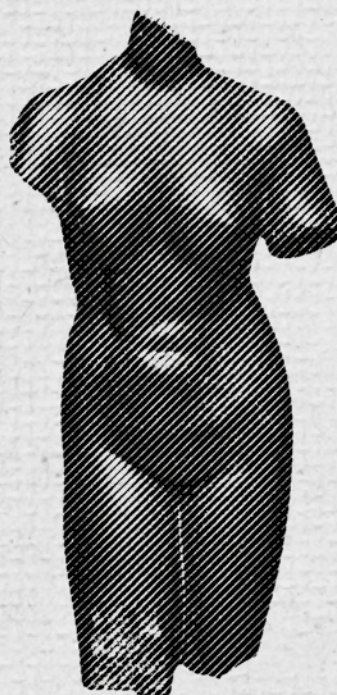
### LA FEMME

Ser mulher,  
abrir caminhos com as unhas  
e arranhar a ponta das oportunidades,  
esperar pela próxima onda.

Ser mulher,  
derramar a vida inteira  
e escorrer em vala rasa,  
aguardar o próximo amor.  
Ser mulher,  
desejar ser perfeita  
e ainda assim não ser aceita,  
resignar-se.

Ser mulher,  
sufocar o choro  
calar o pranto  
enterrar seus medos.

Ser mulher,  
acolher o futuro  
parir o improvável.



### A INQUILINA

A mulher que vive em mim  
contemplou um reflexo no espelho  
riu de si mesma e se amou.

A mulher que habita em mim  
adentrou sua própria imensidão  
mergulhou em um mar de possibilidades  
e se entregou.

A mulher que reside em mim  
escalou o muro na calada da noite  
lançou seu olhar sobre o horizonte  
e sonhou!

POESIA

## REGRESSO

No corte certo do tempo  
entre um verso e outro  
a mulher costura a vida

suas mãos alinhavam  
novos caminhos  
traçando rotas  
pra casa

É preciso voltar



Lee de Paula

Elisa Pereira é poeta e escritora, tendo ganhado o 2º lugar do Prêmio Nacional de Poesia Carlos Drummond de Andrade/SESC-DF (2016). Participa de várias coletâneas e revistas literárias nacionais e internacionais. Idealizadora, produtora e curadora do projeto Fuzuê Literário/Paraty. Tem 03 livros publicados: *Memórias da Pele* (2018, Chiado Books), *Sem Fantasia* (2020, Editora Venas Abiertas) e *Miolo* (2022, Editora Patuá).

# #PLAYNAPOESIA



COSCANTINE



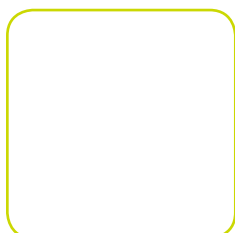
COLDMANSA

# COSCA

**Cosca** é sócio fundador, diretor executivo e artístico da Kalifa LXXI, uma Produtora / Agência especializada na cultura urbana e HipHop e que tem como lema o protagonismo negro e periférico. Poeta, Filmmaker, fotógrafo, editor, diretor criativo, Cosca é fundamental na construção do cenário HipHop na Bahia, onde já trabalhou com nomes como Emicida, MC Marechal, DJ KL Jay (Racionais MCs) Criolo, MV Bill, dentre outros e é o criador do 3º Round, batalha de MCs responsável por lançar nomes como Baco Exu do Blues.

# COLD MANSA

**Cold Mansa**, um jovem afro nascido e criado no Subúrbio Ferroviário de Salvador, cria das rodas de freestyles e dono de versos melódicos, quentes e empoderados da cena HIPHOP soteropolitano; um dos prodígios dentro do circuito de Rima Improvisada do Norte Nordeste, teve sua carreira musical oficializada no ano de 2021 lançando seu primeiro Single "D'azarea" em um show com o Rapper Carioca Sant.



CONTINUE OUVINDO

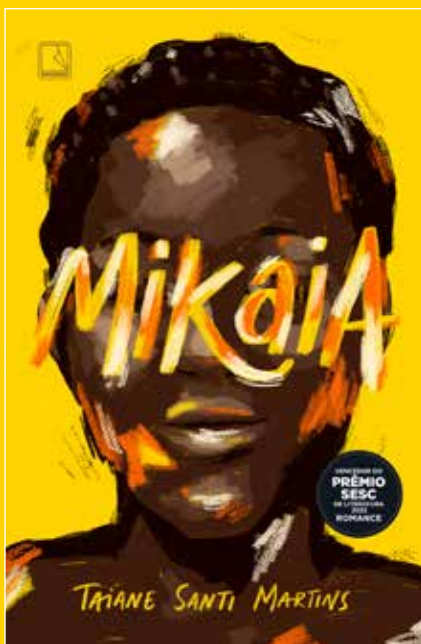


# DICAS DE LEITURA

## MIKAIA de Taiane Santi Martins

Mikaia, romance de estreia de Taiane Santi Martins e vencedor do Prêmio Sesc de Literatura de 2022, narra, através da busca de Mikaia, uma dançarina de balé que sofre uma amnésia repentina, a história de três gerações de mulheres que viveram e fugiram da guerra civil moçambicana. Narrado por múltiplas vozes, o livro joga com as diferentes maneiras de se lidar com um passado traumático, pois, enquanto Mikaia quer lembrar, sua mãe e sua avó, Shaira, decide trama se dá no embate entre recuperar um passado que de memória que lhe voltam de Simi em renunciar a uma vida por vinte anos às custas

O livro transita por temas violência contra a mulher, memória e a identidade cultural do Brasil sobre a cultura vive o dilema de se sentir que precisa reaprender o cana. Nesse sentido, assim transita entre identidades deslocando-se entre os oceanos Índico e Atlântico, a construção de linguagem do romance também transita entre as variantes do português brasileiro e moçambicano – e sua língua materna, o emakhuwa, torna-se elemento central nesse movimento de resgate.



como o corpo, a dança e a guerra, a construção da memória, além de discutir o olhar moçambicano, já que Mikaia brasileira ao mesmo tempo que significa ser moçambicano a personagem central e pertencimentos, deslocando



Taiane Santi Martins nasceu em Vacaria, no interior do Rio Grande do Sul. É Doutora em Escrita Criativa pela Pontifícia Universidade Católica e Mestra em Literaturas Estrangeiras Modernas, com ênfase em Literaturas Francesa e Francófonas. Em 2022, venceu o Prêmio Sesc de Literatura, com o Romance Mikaia.

## CORPOS BENZIDOS EM METAL PESADO de Pedro Augusto Baía

Nos onze contos que compõem *Corpos benzidos em metal pesado*, livro de estreia de Pedro Augusto Baía, a unidade narrativa que os une são as vivências da região norte do Brasil, em todas as suas facetas: a floresta, os indígenas, a industrialização, a precarização das cidades, a violência com os desfavorecidos, a desigualdade, a comunhão com a natureza.

Os protagonistas são uma imigrante da região Norte boliviano na Europa, um vítima quilombola, uma fome de pânico em uma cidade numa seção eleitoral de um homem contaminado garimpo, entre outros. Por *Corpos benzidos em metal pesado*, são que tecem a resistência, que conter tanta ternura e inoportunidade, no conto “Carne de guntar ao irmão” “como um rar dentro de uma palavra



vítima do garimpo, um que é confundido com um repórter que investiga uma tógrafa que sofre um ataque de alagada, um massacre tro de uma aldeia indígena, por metal pesado, fruto do rém, embora as histórias de pesado sejam repletas de as relações de afeto, os elos se evidenciam, podendo cência como quando uma boi”, sente vontade de perrio limpinho consegue moção pequena”.



Pedro Augusto Baía nasceu em Abaetetuba, no Pará. É doutor em Psicologia Forense pela Universidade de Coimbra e mestre em teoria e pesquisas do comportamento pela UFPA. Em 2022, com a obra “*Corpos Benzidos em Metal Pesado*”, venceu o Prêmio Sesc de Literatura na categoria Conto. A Revista Bula incluiu a obra na lista dos 10 melhores livros de contos publicado em 2022.

## O NINHO de Bethânia Pires Amaro

Vencedor do Prêmio Sesc na categoria Conto, as histórias de *O ninho* tratam das relações familiares sob a ótica feminina e buscam dessacralizar a casa como um lugar idílico e de segurança afetiva, como costuma ser retratada nas postagens de famílias ciais. Relações familiares que nos causam as nossas fates, assim como as quebras de maternidade — afinal, nem dentro de casa. O que resulta doenças da vida em família, literária e tensão narrativa.



Bethânia Pires Amaro nasceu no Recife e vive em São Paulo, onde atua como advogada pública. É formada em direito pela Universidade Federal da Bahia e mestre em Direito do Estado pela Universidade de São Paulo. Em 2023 venceu o Prêmio Sesc de Literatura com o livro de contos *O ninho*, publicado pela editora Record.

## OUTONO DE CARNE ESTRANHA de Airton Souza

Vencedor do Prêmio Sesc na categoria Romance, *Outono de carne estranha* se passa no contexto do famoso e trágico garimpo de Serra Pelada, no Pará. Nessa terra fragmentada e violenta, a narrativa que se desenrola através da ricos e a ficção conta a hisgarimpeiros que se apaixonamburrar (encontrar ouro obsessão pelo metal e a rebate-paus criam uma atmosfera solitária. A terra úmida, do garimpo são cenário de se sabe se existe fronteira entre a morte e o erotismo. A uma poética imagética immo bruto.



mescla entre os fatos história de Zuza e Manel, dois nam e tentam, a todo custo, e, assim, ganhar a vida). A pressão do marechal e seus fera embrutecida, assassina os desabamentos e o cheiro um romance em que já não entre o sagrado e o profano, linguagem do autor mistura pressionante com um erotis-



Airton Souza de Oliveira nasceu em Marabá, no Pará. É historiador, linguista, professor, ativista social e escritor brasileiro. Sua escrita contabiliza mais de 40 livros nos gêneros de poesia, crônica, conto, romance e literatura infantojuvenil. Em 2023, venceu o Prêmio Sesc de Literatura com o romance *Outono de carne estranha*, publicado pela editora Record.

# #PLAYNAPOESIA



MADUCOSTAESCRITORA

# MADU COSTA

Maria do Carmo Ferreira da Costa; nome artístico: Madu Costa é professora formada em pedagogia pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) e pós-graduada em Arte-Educação pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. (PUCMINAS)

Madu Costa é escritora de literatura infantil, afro-centrada.

É narradora de histórias.

É membra do Coletivo Iabás de narração de histórias das orixás femininas e de mulheres pretas em geral

Madu Costa é cordelista e repentista.

Madu é compositora.

Madu é cantora amadora.

Madu Costa é assessora pedagógica.

Madu Costa é arteira.

Gosta de inventar modas...

Gosta de modelar e costurar vestidos a mão.

Gosta de fazer conservas: de pepino, de jiló, de gengibre e de berinjela

Madu Costa acredita que pode fazer tudo que quiser.

É só acreditar e tentar.

Atualmente Madu Tem 17 livros publicados, sendo 05 Literatura de Cordel e 12 Literatura Infantil.



CONTINUE OUVINDO



# CRÔNICAS

## À PROCURA DA CADEIRA PERFEITA

JÉSSICA BALBINO

Poucas pessoas sabem, mas além dos sonhos mais grandiosos que incluem conquistas e viagens a locais paradisíacos, nadar com animais exóticos e beber bebidas com nomes estranhos, eu tenho alguns sonhos muito comuns. Mas, talvez por serem tão comuns, são os mais difíceis de serem realizados. Daqueles que precisam de fada madrinha, gênio da lâmpada ou qualquer uma dessas figuras pitorescas dos contos de fadas. O que trago aqui, é um deles.

Sabe aquele desejo infantil, que faz a gente suar a espinha, dá calafrio, frio na barriga, calor na cabeça? É exatamente esse tipo de desejo, que bagunça tudo, que eu tô falando.

E a busca por esse desejo durou anos. Foi às vésperas de completar 38 - já quase entrando nos 'enta' que consegui. Vejam só: uma busca e tanto. Uma vida inteira nessa odisseia. Só consegui depois de já ter concluído o mestrado, de ter me autorizado psicanalista, de ter passado por um luto da perda do analista, de ter perdido meu cachorro de 17 anos, de ter dançado valsa na minha formatura, de ter aprendido a fazer o melhor risoto do meu círculo de amizades.

Só consegui depois de tirar a melhor foto da minha vida, ganhando um beijo de um leão marinho no mar do Caribe. Só consegui depois de conhecer 12 estados brasileiros. Só consegui mesmo depois de alguns relacionamentos, empréstimos bancários quitados, o primeiro carro zero km, umas curadorias de projetos literários bem feitas.

Só consegui, caros leitores, depois de sobreviver a uma pandemia. E vocês, como eu, sabem: não é pouca coisa. Sobrevivi à Covid, à catapora, ao sarampo e até a rubéola. Sobrevivi a um atropelamento, a uma queda feia de patins, ao ossinho do pé fraturado no canto do sofá, numa corrida para atender ao telefone.

Vale dizer que só consegui depois de muito perambular por salas e salas: de rodoviárias, aeroportos, consultórios, trabalho, palestras, faculdades. Foi depois de 20 anos - duas décadas - que eu já havia entrado na universidade para cursar jornalismo, inclusive.

E quanta coisa cabe nestes 20 anos, não é mesmo? A morte de um papa, a renúncia de outro, um impeachment, a descoberta de água em Marte, Plutão deixou de ser um planeta, passamos a usar smartphones ao invés de apenas telefones e é possível tuitar de qualquer lugar, não existem mais CDs e ouvimos músicas em plataformas digitais - exceto os mais saudosos, que ainda apreciam o vinil, claro - o primeiro presidente negro foi eleito nos EUA, houve um incêndio no museu nacional, a amazônia e o pantanal pegaram fogo e anoiteceu às 15h no sudeste do Brasil, a Rainha Elizabeth morreu e o Rei Charles foi coroado.

Houve um surto de varíola do macaco, tentaram matar a vice-presidente da Argentina com um tiro no rosto e a arma falhou.



E isso tudo aconteceu nesse período em que tentei, diariamente, realizar meu sonho.

Mas, foi num dia qualquer, sem que eu estivesse esperando qualquer coisa diferente. Num dia qualquer que, já preparada para o pior: aconteceu. Sem aviso prévio, sem mudança de cor no céu, sem Dj tocando trilha sonora, sem a musiquinha de suspense que, nos filmes, antecipa um acontecimento assim.

Existia ali, BEM NO MEIO DA SALA, no sul do país, numa das cidades apontadas como a das mais nazistas do país: uma cadeira que cabia a minha bunda.

Uma cadeira com estofado preto, bom braço para uso de anotações e com espaço suficiente para que eu me sentasse e sobrasse algo dos lados. Uma cadeira comum. Sem qualquer adereço, mas que, vejam só, me cabia.

Foi depois de viajar o país todo. De cruzar o estado de ponta a ponta, por 12 horas, num ônibus. Foi só depois disso. Pensa só o quanto eu sonhava em caber. Em entrar numa sala e simplesmente caber. Sem me esforçar ou espremer para isso. Foram 38 anos perseguindo a maldita - ou bendita, sejamos justos - cadeira que caberia meu corpo.

Até então, era como se as cadeiras tivessem conspirado secretamente contra mim: prontas para me derrubar, me apertar, me machucar, literalmente, em cada fala que eu ousasse proferir. Os momentos constrangedores se acumulavam, assim como os acontecimentos nesse período, numa lista interminável de quedas e tropeços. Até que, enfim, me senti contemplada. Quase uma pessoa, sabe?

Eu ia poder ficar horas! Sim: H-O-R-A-S sentada ali sem medo de ser feliz, sem qualquer dor. Sairia sem qualquer machucado na lateral das pernas ou sem assadura no meio delas, por ficarem muito coladas. Sairia com a lombar intacta. Sem estar suada. Sem dor nos joelhos por fazer força para me segurar e não ter a cadeira desabando.

Eu, que já tive cadeira desabando em restaurante, sofá quebrando no meio de uma dinâmica numa biblioteca, banco arriando, que já me esborrachei no chão de uma aula importante sobre divulgação científica na Unicamp logo no início do mes-trado, quando tentava me mostrar uma pessoa intelectualizada.

Eu que já tinha caído no gabinete do prefeitinho ficado de gatinho na frente da mesa do presidente da câmara municipal da minha cidade enquanto ele não sabia se me cumprimentava ou não. Eu, que na infância fui vaiada pela escola inteira depois de des-pencar rolando denúncia barranco no pátio.

Eu, que já deixei de sair por causa de não ter lugar adequado pra sentar. Que já roubei extensor de cinto em avião por ter sido arrancada da poltrona pela qual paguei a mais.

Eu que vou à praia e prefiro sentar no chão porque as cadeiras não me aguentam. Mas naquele dia, tudo mudou. Com minha confiança renovada e meu traseiro agradavelmente acomodado, eu me tornei a versão mais carismática e eloquente de mim mesma. As palavras fluíram sem esforço.

Eu, que sempre sonhei em caber, finalmente, poderia me sentar e palestrar por duas horas, ininterruptamente, sobre tudo isso que discorri acima. Fiquei tão feliz que, finalmente, pude debater estética na literatura.

Jéssica Balbino é jornalista, mestre em comunicação pela Unicamp, autora dos livros “Gasolina & Fósforo”, “Traficando Conhecimento” e “Hip-Hop - A Cultura Marginal”. Colunista do Estado de Minas, escreve sobre corpos e literatura. Apaixonada por café e livros. É psicanalista em formação. Tem medo de lagartixa e de estátua.



Maria Blasi

# CRÔNICAS

## RECEITA DE LEITOR

MARCELO MOUTINHO

Ao longo de 2023, cumpri um roteiro por dez cidades do lado da também escritora Débora Ferraz. Nossa viagem fazia parte do circuito Arte da Palavra, que o SESC promove anualmente, levando cerca de 50 autores para mais de 100 municípios em diferentes estados do país. Essa, aliás, é uma das características mais bacanas do projeto: juntar escribas com distintos sotaques, estilos, pegadas, e colocá-los frente a frente aos leitores de outras regiões. É o Brasil vendo a própria face num espelho que reflete o outro.

A temporada inicial, em Santa Catarina, significou para este carioca o resgate de casacos e cachecóis que havia muito dormiam no fundo do armário. Até que deu para disfarçar o cheiro de mofo. Nem todo mundo sabe, mas o fato é que no Rio não temos quatro estações, ao contrário das localidades em geral. São apenas duas: o Verão e o Inferno.

“



Débora, que nasceu em Serra Talhada — terra de Lampião — e hoje mora em João Pessoa, também sofreu com as temperaturas por volta de sete graus. O contraste climático refletia discrepâncias de outras ordens. Estivemos em cidades com 20 mil habitantes. Para se ter uma ideia, só Madureira, o bairro onde nasci, tem mais de 200 mil. Esse encontro amoroso de alteridades é tão salutar quanto urgente num momento de tamanha radicalização, como o que temos vivido ultimamente.

E foi assim, cercadas de afeto e genuíno interesse, que se deram as conversas com professores, universitários e estudantes do Ensino Médio. Após ouvirem nossos relatos sobre o início da carreira de escritor, os primeiros rabiscos no papel, o nocaute que a transpiração costuma impor à “musa inspiradora”, o público nos brindava com perguntas muitas vezes desconcertantes. Os temas variaram de cidade a cidade, de plateia a plateia. Mas houve uma questão que se repetiu em todas as conversas:

— Como vocês se tornaram leitores?

Minha parceira de viagem lembrou das tardes labirínticas entre as estantes da biblioteca de Serra Talhada. Das aulas de Matemática atravessadas por histórias que latejavam na mente. Do dia em que caiu em suas mãos um livro chamado *Venha ver o pôr do sol* e ela decidiu o que queria fazer da vida era despertar em alguém uma sensação parecida com aquela que os contos de Lygia Fagundes Telles lhe provocaram.

Foi curioso, e igualmente alentador, perceber que não estou sozinho. Assim como a Débora, a literatura me ganhou pelo encantamento ou pelo espanto, quase sempre pelas duas coisas juntas. Quando criança, gostava de ler histórias em quadrinhos. Das HQs, passei aos romances da coleção *Vaga-Lume*, que traziam tramas de mistério especialmente escritas para o público jovem. Os textos tinham um jeitão de folhetim. Como nas séries hoje tão acessadas nos *apps* de *streaming*, cada capítulo terminava com uma situação irresolvida. Era irresistível começar logo o seguinte. Só não havia o aviso de 15 segundos, como acontece nos episódios da TV. E nem precisava.

O passo seguinte foi a crônica, gênero que me desvendou o meu próprio tempo. Estava acostumado, na escola, a ler obras como *Iracema* e *A Moreninha*. Com todo respeito a José de Alencar e Joaquim Manuel de Macedo, dois escritores da mais alta categoria, eram histórias bem distantes da realidade à minha volta. Relatos idílicos, conforme preceituavam as premissas do Romantismo. Ótimos para se estudarem os estilos de época, nem tanto quando se trata de transformar um adolescente em leitor.

Imaginem, então, o susto ao me deparar com a história de um homem que vai caminhar tranquilamente no entorno da Lagoa Rodrigo de Freitas e acaba sendo assaltado. A crônica, intitulada “Depois do jantar”, integrava o livro *Os dias lindos*, de Carlos Drummond de Andrade. E em muitos aspectos parecia me dizer respeito. A Lagoa, contumaz referência geográfica do Rio de Janeiro. O hábito da caminhada, que minha mãe sempre praticou como atividade física. E, claro, o assalto.

O texto tinha ainda um irresistível tom de humor. Em dado momento, a vítima propõe que o valor trazido em sua carteira seja dividido com o criminoso. Que, por sua vez, nega o pedido, mas oferece um trocado para o ônibus.

A crônica de Drummond me abriu as portas para esse gênero literário tão despojado e tão próximo de nós. Para além disso, mostrou que a literatura, quando não encarada como mera obrigação, pode ser um universo fascinante. Embarquei sem passagem de volta.

Em um dos debates do Arte da Palavra, alguém perguntou que conselho eu daria para formar um leitor. Não há receita. Cada qual tem seus interesses temáticos, faz suas próprias descobertas. O leitor não germina porque é “importante” ler, muito menos por medida compulsória. É um sortilégio, um feitiço. E das melhores mágicas a gente não conhece o truque.

Escritor e jornalista. Com *A lua na caixa d'água* (Malê), conquistou o Prêmio Jabuti 2022 na categoria Crônica. Venceu também o Prêmio Biblioteca Nacional 2017, com a seleta de contos *Ferrugem* (Record). É autor, entre outros, dos livros *A palavra ausente* (Malê, 2022) e *Rua de dentro* (Record, 2020), e de duas obras voltadas para o público infantil. Organizou várias antologias, entre elas *Contos de Axé – 18 histórias inspiradas nos arquétipos dos orixás* (Malê, 2021).



Leo Aversa

# CRÔNICAS

## COMO ESCREVER UM ROMANCE

LUCIANY APARECIDA

Conversar com um tio que está desenganado da vida é um conselho que deixo a você, que quer escrever um romance. Foi assim que escrevi o meu. Era verão, mas o sol pouco nos aquecia. Fazia frio, era meio da manhã, estávamos embaixo de uma árvore de fruta do conde, daquelas que dão frutos alaranjados de casca fininha. A copa dessa árvore não é densa o que permitia a proteção de nossas cabeças do céu aberto, ao tempo que garantia, vez ou outra, o calorzinho de algum raio solar que nos atingisse.

Ali, em diferentes tempos, eu e meu tio Carlos, havíamos brincado quando crianças. Depois ao crescermos, tanto ele, quanto eu, migramos para a cidade e guardamos aquele lugar como nosso canto das ilusões infantis. Sair dali foi movimento de sobrevivência. Porém, naquele momento, para meu tio, voltar àquelas terras era reencontro com a vida. Desenganado pelos médicos da cidade por um problema cardíaco, há dez anos ele já havia regressado e vivia sozinho, plantando feijão, maxixe, abóbora, quiabo, andando de bicicleta e protegendo beija-flor. Seu coração havia, por um período, voltado a respirar como menino.

Quando eu era menina que brincava naquele terreiro, titio já não estava. Ele havia migrado para São Paulo. Foi trabalhar na lavoura. Na

plantação de cana-de-açúcar. Foi ser um corpo-combustível que servia a sustentação da engrenagem da nação. Ele chegou em São Paulo capital e foi levado, junto com mais nordestinos, para a região de Ararás. Onde viveu sendo transformado em cana-de-açúcar até ter o diagnóstico de cardíaco e ser devolvido para a família no interior da Bahia, no Vale do Rio Jiquiriçá, quase morto, como um bagaço de cana, aos quase sessenta e cinco anos de idade.

Meu tio foi devolvido desenganado, solteiro, sem fala e triste. A tristeza era por não ter mais trabalho. Meu tio chegou com o corpo todo moído e foi aos poucos, com o passar dos dias, com o cheiro do roseiral, voltando a sorrir. Daí ele cresceu em vontades e ninguém mais dizia que aquele senhor estava vivendo seus dias finais. Por dez anos também esquecemos aquele fim renunciado. Tudo nele floria e se renovava. Até aquele verão.

Naquele dia, à sombra peneirada do pé de fruta do conde, já sabíamos, que se um fim fosse mesmo existir, ele estava se aproximando. Meu tio amolengava de vez. Em vida, o que podemos pensar com a proximidade da morte? Eu ali, naquele verão frio, talvez porque estivéssemos no sol sombreado, comecei a pensar. E a infância me veio como resposta. Talvez porque o visse idoso, desejei saber o que ele viu quando criança. Talvez nesse meu pensamento, existisse um desejo de o rejuvenescer, de o afastar daquela sentença de acabamento de mundo. Eu talvez tenha pensado que ouvir meu tio conversar sobre suas memórias o preservasse por mais tempo vivo entre nós.

E assim lhe perguntei:

- Tio Carlos, o que o senhor lembra dessas terras quando era menino? Caminhando aqui... essa árvore já existia não, é?

- Era. Eu me alembro mesmo. Sabe de quê? Eu me alembro, Lu, de Mané da Gaita e de Venâncio o ferreiro.

- Quem foi Mané da Gaita, meu tio?

- Foi um vendedor de quebra-queixo.

- E era músico?

- Músico e manco.

- Como assim, meu tio?

- Mané não tinha uma perna, perdeu no trabalho de tirar madeira, andava com uma muleta, a caixa de quebra-queixo e uma gaita.

- E como ele tocava?

- Ele se recostava assim na parede e tocava, aquilo pra o povo aparecer pra comprar o doce.

Naquele instante eu, que já estava com um caderninho e caneta na mão, anotei esses dois nomes e fiquei ao pé do meu tio ouvindo contar suas histórias de menino. Ouvindo sobre a felicidade do doce, o assombro da presença do ferrei-

ro Venâncio, que dominava o fogo e que diziam se transformar em seres de força e mistério. Longamente o ouvi.

Naquele dia ficamos pelo terreiro até o sol começar a tingir o dia de cor acobreada e estirar sombras pelo chão. O frio se aconchegou ainda mais sobre nós e fomos nos movimentando a sair. Ele para dentro da casa, aquela casa que ele e eu havíamos vivido em nossas diferentes infâncias, ele com os pais, eu com meus avós. Agora aquela geografia era dele, ele desenhava aquele espaço sob sua própria solidão e vontades. Eu peguei estrada e voltei para a cidade.

Um ano após esse encontro nos despedimos oficialmente do meu tio. Hoje volto a casa, ao terreiro, a sombra das árvores, sinto o cheiro do roseiral e o vejo menino de tudo admirado com o mistério de Venâncio e feliz com a música e o doce de Mané da Gaita. Escrevi um livro, Mata Doce, onde juntei esses personagens do mundo dele criança. Parece que escrever um livro é um jeito de permanecer. Parece que ouvir os mais velhos é um jeito de ensolarar nossas vidas.

LUCIANY APARECIDA é escritora e doutora em letras, com pesquisas nas áreas de literatura e cultura. Seus estudos observam a literatura na interface: nação, imigração, história, memória, identidades e performances. É autora da plaquete de poemas Macala (2022) e da dramaturgia Joanna Mina (2022). Com a assinatura Ruth Ducaso publicou Contos ordinários de melancolia (2017) também publicado no Equador e Florim (2020). Tradução de seus textos em língua inglesa foram publicados em: Asymptote Journal 2018, Monoa 2019 e Jellyfish Review 2020. Em turco foi publicado, em 2021, um conto na coletânea Trendeki Yabancı, da editora Can Publishing.



Larissa Queiroz

# CRÔNICAS

## A BAILARINA, O POETA E OS CAMINHOS QUE ANDAM

ROBERTA MARISA

O inverno se despedia com ânsia de infinito naqueles últimos dias de maio. Na região Norte, as quatro estações chegam a confundir muita gente, resumindo-se a duas: verão e inverno. Não me confundo pois, da minha janela, observo o outono adormecido pelas águas do céu esticando-se até a última gota da primavera brotando arco-íris entre nuvens carregadas, enchendo o rio, acalentando a seca. Refiro-me ao tempo amazônico. O tempo que vejo na rua e cresce no mormaço. Esse mesmo tempo, que agora se despede arrastado, ainda este ano, alargou o rio afogando comunidades além de suas margens.

Enquanto a chuva lavava as resistentes marcas das enchentes, eu me espremia na biqueira do mercado, desejando a sorte de um encontro com ela: a bailarina da praça. Ouvi dizer que em Porto Velho existe uma bailarina com sapatilhas de carne e osso que firma o seu equilíbrio animador e instantâneo em locais públicos. A qualquer hora, sem data, no tempo da liberdade, podemos encontrá-la em qualquer praça: da Getúlio, do Baú ou entre as Três Caixas D'água.

A chuva insistia e eu esperava pelo inesperado. Eis que ao longe, quase distorcida pela distância, numa bicicleta passou uma mulher negra, carregando no corpo umas cinco décadas, vestida com a fantasia de bailarina e asas de borboleta, pedalando o seu colorido ao vento, seguindo na direção dos seus, deixando para trás apenas rastros de encantamentos na minha imaginação.

A figura clássica da praça, atravessava a importância das coisas e da vida anônima, firmando no concreto a beleza dos seus passos em instantes que eu não via. A bailarina da praça era a joia liberta da caixinha de música. Era a narrativa fantástica que eu lia estupefata: as fábulas urbanas salvam a cidade.

Naquela tarde úmida em que buganvílias derramavam sobre as poças d'água a beleza do fim, eu reolhava as pessoas e os patrimônios em construção e ruínas. Recolhia o sol e a chuva no odor do meu vestido e seguia bisbilhotando o imprevisível. Perseguia a cidade e acidentalmente ela me esbarrava, atenta, enquanto eu permanecia no mesmo lugar, esperando a chuva passar, no mercado cultural. No fundo, a chuva me servia como desculpa para esperar pelo novo.

Passavam das duas da tarde quando inesperadamente o encontrei. De um prédio antigo saiu um homem de boina cuja face eu reconhecia. Era o poeta da cidade que eu havia conhecido numa passada ocasião. Por impulso, chamei-o, e ele, que não vagava à minha espera, curvou-se ao meu encontro. Nos cumprimentamos, comentei que estava de passagem e, então, seguimos à procura de um almoço.

Caminhamos pelo mercado central: tucupi, farinha, jambú, pimenta, ervas, óleos, banhos, remédios, mel e ungentos. Box 28 abarrotado de sacos e mais sacos com alças de sandálias de borracha de todas as cores. Artesanatos de tucumã, açaí, jarina, olho de boto, patuás... e cestarias. Bancas de frutas e verduras da estação, fechadas. Pensões se fechando. Quase três e o dia se dobrando ao fim.

Beiramos o rio Madeira em um deselegante silêncio de fome. Conhece o Cai n'água? Perguntou o poeta. Não, respondi. Ao longo do caminho, os ares daquele lugar me lembravam vagamente uns bairros à beira do rio do meu Estado Acre. Comércio que vendiam de tudo, barcos, tarrafas, bicicletas, cachorros, casas de madeiras suspensas, trapiches, meninos e um rio enorme batendo no barranco do Mercado do Pescado, onde finalmente conseguimos os últimos pratos de comida com um peixe que dividimos da cabeça ao rabo. Satisfeitos, caminhamos versando sobre acasos entre longos hiatos. O poeta guardava palavras, mas me mostrava por onde a poesia andava.

Na descida da calçada do prédio do relógio, passei por cima de um pedaço de carta de baralho. Valete de paus, sabe o que é isso? Perguntou mostrando a carta explicando que de uns anos para cá passou a receber esses sinais. Primeiro vieram as cartas inteiras, disse ele. Quem se comunicava? Pensei. Consegue ler as respostas? Perguntei. No início não, mas depois, elas andaram me salvando, falou com um pensamento vago e distante.

A cada passada, a história se alongava até chegarmos no ponto em que ele desistiu de colecionar o destino e passou a descartá-las. Por ironia, o tempo permaneceu brincando com o poeta, enviando-lhe, dessa vez, pedaços rasgados de cartas. Acredite. Eu testemunhei o mistério jogando com ele. No final da nossa caminhada, outro baralho. Minhas pupilas esbugalharam de espanto. Outro pedaço de carta. Dama de copas, que eu desejei absurdamente ter tido a sorte de achar primeiro. Juntou-a do chão, espanando a sujeira e guardou-a no bolso. O poeta e o seu pedacinho de carta desgastada, me impressionava com a destreza de um mágico manipulando o seu próprio caminho, disposto a impressionar pessoas com seus truques imprevisíveis.

A magia daqueles encontros partiam sem despedidas pela noite enlutarada de segredos. A bailarina, o poeta e os caminhos que andam sozinhos revelando-me a cidade pelo avesso.

**Roberta Marisa** é artista acreana, nascida em 1990 em Rio Branco e criada no bairro Seis de Agosto, às margens do rio Acre. É publicitária de formação e empreendedora criativa com foco em artes visuais, literatura e projetos ligados à cultura. É autora dos livros “À beira” (2020); “Você está aí?” (2022) e “Dois Sóis” (2022), a sua recente obra que reúne contos e poemas.



# #PLAYNAPOESIA



Cícero Bezerra



MANODABLIO

# MANO DÁBLIO

**Mano Dáblío** (William Tomaz), sujeito de pensamento inquieto, arquitetando versos tem foco na poesia, música, acessibilidade e outros segmentos artísticos culturais.

Artista brasileiro, 35 anos, poeta, ator, intérprete, letrista, transformista, LGBTQIA+ e ritmizador de seus versos, inicia seu trabalho no ano 2000 no orfanato em que morou 10 anos.



CONTINUE OUVINDO



# ILUSTRAÇÃO



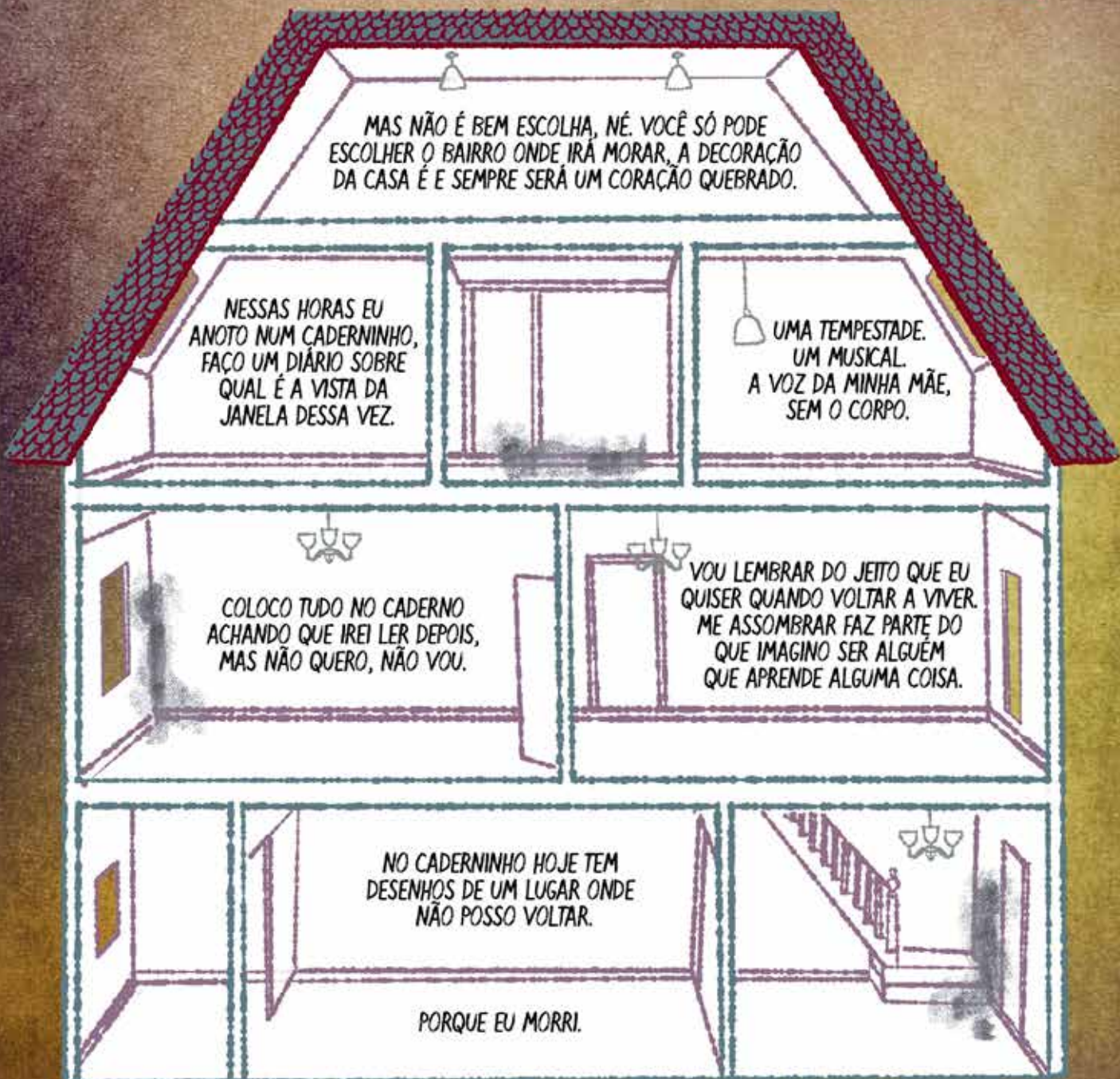
CBL (Câmara Brasileira do Livro)

**Rafael Calça** é escritor, roteirista de histórias em quadrinhos e animação, além de ilustrador editorial e storyboarder de publicidade. Seus trabalhos de maior destaque são Jeremias – Pele, em que junto de Jefferson Costa recriou o personagem de Maurício de Sousa em uma HQ sobre racismo na infância, tendo recebido o reconhecimento de público e crítica, além do Troféu Ângelo Agostini, Troféu HQ Mix e o prestigiado Prêmio Jabuti, e Jeremias – Alma, finalista do Prêmio Jabuti e agraciado com o Troféu HQ Mix e o Troféu Ângelo Agostini.

EU JÁ MORRI ANTES. POUCAS ETERNIDADES,  
TEM GENTE QUE PASSOU POR COISA PIOR.

DAÍ NÃO SEI SE DEVERIA ESTAR  
ME SENTINDO TRISTE ASSIM.

EU JÁ QUIS NÃO SENTIR NADA.  
NADA QUEBRA DENTRO DE UMA CASA VAZIA.



MAS NÃO É BEM ESCOLHA, NÉ. VOCÊ SÓ PODE  
ESCOLHER O BAIRRO ONDE IRÁ MORAR, A DECORAÇÃO  
DA CASA É E SEMPRE SERÁ UM CORAÇÃO QUEBRADO.

NESSAS HORAS EU  
ANOTO NUM CADERNINHO,  
FAÇO UM DIÁRIO SOBRE  
QUAL É A VISTA DA  
JANELA DESSA VEZ.

UMA TEMPESTADE.  
UM MUSICAL.  
A VOZ DA MINHA MÃE,  
SEM O CORPO.

COLOCO TUDO NO CADERNO  
ACHANDO QUE IREI LER DEPOIS,  
MAS NÃO QUERO, NÃO VOU.

VOU LEMBRAR DO JEITO QUE EU  
QUISEI QUANDO VOLTAR A VIVER.  
ME ASSOMBRAR FAZ PARTE DO  
QUE IMAGINO SER ALGUÉM  
QUE APRENDE ALGUMA COISA.

NO CADERNINHO HOJE TEM  
DESENHOS DE UM LUGAR ONDE  
NÃO POSSO VOLTAR.

PORQUE EU MORRI.

calça

TEM GENTE QUE PASSOU POR COISA PIOR.  
UMA ETERNIDADE SEM TER LUGAR PRA VIVER.



## SERVIÇO SOCIAL DO COMÉRCIO

### **Presidência do Conselho Nacional**

José Roberto Tadros

### **Departamento Nacional**

#### **Direção-Geral**

José Carlos Cirilo

#### **Diretoria de Programas Sociais**

Janaina Cunha

#### **Gerência de Cultura**

Luciana Salles

#### **Equipe de Literatura**

Diogo Borges

Henrique Rodrigues

## DEPARTAMENTO REGIONAL EM PERNAMBUCO

### **Presidente**

Bernardo Peixoto dos Santos Oliveira Sobrinho

### **Diretor Regional**

José Oswaldo de Barros Lima Ramos

### **Chefe de Gabinete**

Antônio Inocência Lima

### **Diretora de Administração e Finanças**

Socorro Costa

### **Diretora de Programas Sociais**

Paula Santos Lourenço

### **Gerente de Cultura**

Rudimar Constância

### **Gerente de Comunicação e Marketing**

Ana Rosa Cavalcanti

### **Professor II - Literatura**

Pedro Teixeira

## REVISTA PALAVRA

### **Curadoria de Conteúdo**

Diogo Borges

Henrique Rodrigues

Pedro Teixeira

### **Produção Editorial**

Wagner Sacchetto

### **Projeto Gráfico e Diagramação**

Rodrigo Cabido

### **Revisão**

Simone Santos (MG 03194 JP)

### **Impressão**

Rona editora

©Sesc Departamento Nacional, 2023

Todos os direitos reservados e protegidos  
pela Lei n. 9.610 de 19/02/1998.

Os textos assinados são de responsabilidade dos autores e não refletem,  
necessariamente, a opinião da revista.

**palavra** ISSN  
2178-1443

ano 13. número 12. 2023. sesc. literatura em revista.



Vinte  
mil  
exemplares  
para  
distribuição  
gratuita.

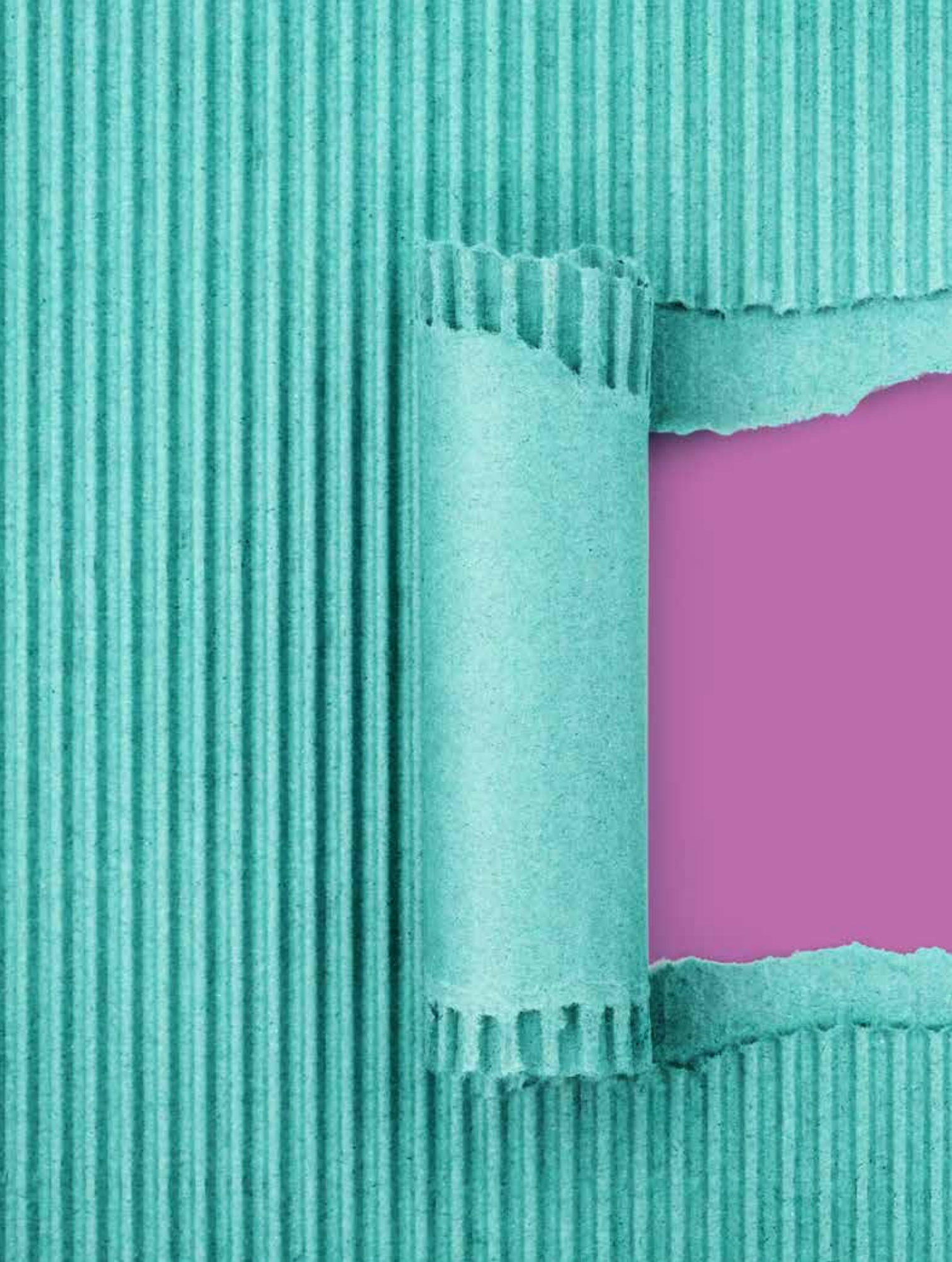
Escreva-nos!

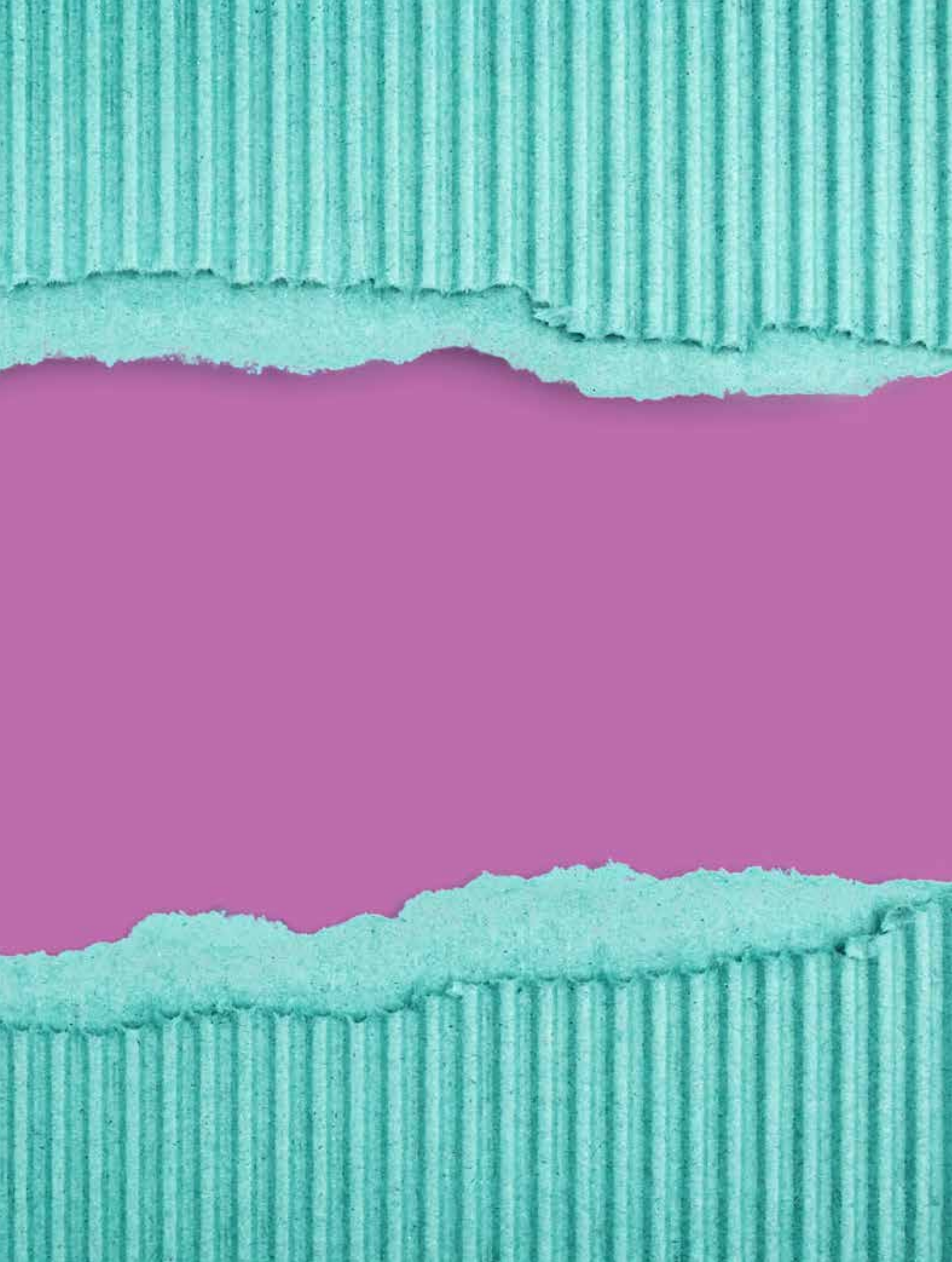
Sua opinião é muito importante  
para o aprimoramento da revista.

Para o recebimento  
de exemplares, entre em contato  
conosco pelo e-mail:

[secascom@sesc.com.br](mailto:secascom@sesc.com.br)









[www.sesc.com.br](http://www.sesc.com.br)